

MAL ESTAR DOCENTE: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE UBERLÂNDIA

MENDES, Márcia Aparecida

Professora de Matemática da Escola de Educação
Básica da Universidade Federal de Uberlândia.
Especialista em Didática do Magistério e Mestranda em
Educação pela Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo: O presente artigo trata-se de uma análise sobre o mal estar docente, expressão que descreve os efeitos de caráter negativo que afetam os professores no exercício de sua função. Enfoca parte da literatura sobre o assunto e traz uma pesquisa quantitativa e qualitativa sobre o tema, realizada com professores do ensino fundamental e médio da cidade de Uberlândia.

Palavras-chave: docência, insatisfação e crise.

Introdução

A principal proposta deste artigo é fazer uma análise sobre o tema: “mal estar docente”, que atinge grande parte dos professores em Uberlândia e em todo o país. Para tanto, serão objetos de estudo os textos lidos por ocasião da apresentação de um Seminário sobre o assunto na Disciplina: Formação Docente e Práticas Pedagógicas, no Curso de Mestrado em Educação na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e uma pesquisa com 36 professores-colaboradores da Rede Municipal, Estadual e Federal da cidade de Uberlândia.

A expressão “mal estar docente” é bastante conhecida entre os estudantes de cursos de Formação de Professores e entre alguns docentes atuantes nas escolas de todo o país. É utilizada para descrever os efeitos negativos psicológicos sociais, traumáticos que causam no professor, angústia, depressão, esgotamento, *stress* e outros.

Todos esses problemas, segundo estudiosos do assunto, são causados pela mudança acelerada do contexto social. Há algum tempo atrás, as famílias cobravam de seus filhos, respeito aos mais velhos e, em especial, à figura do professor que era considerado um representante legal para transmissão do conhecimento intelectual e cultural. Assim, não permitiam que seus filhos se envolvessem em conflitos com seus mestres e, se isso viesse a acontecer, apoiavam sempre o professor.

Nos tempos atuais, os pais delegam ao professor toda a incumbência de transmitir aos seus filhos os valores mínimos e, quase sempre, não compartilham de nenhum apoio ao professor. Também, na mesma proporção modificou-se o *status* social e cultural desse profissional. Hoje, o *status* social do professor está intimamente ligado à questão relacionada ao nível salarial, deixando de valorizar os valores como vocação, competência e habilidade.

Além disso, o papel desempenhado pelo professor, na atualidade, tem se modificado bastante. Antes ele tinha seu valor reco-

nhecido pela família que lhe confiava a educação escolar de seus filhos. Hoje, com a mudança do contexto social, os pais são obrigados a se ausentarem para trabalhar e ou estudar. A mulher, com a sua inserção no campo de trabalho e com as atribuições da vida moderna, também teve de renunciar às tarefas domésticas e à educação de seus filhos, aumentando indiretamente as exigências do trabalho dos professores, sem, contudo, lhes conferir o apoio e valor necessários.

Tudo isso tem trazido uma sobrecarga aos docentes que além de ensinar conteúdo, se ocupam de aspectos que antes não eram tarefa específica deles. Além disso, hoje, o Estatuto da Criança e do Adolescente confere mais direitos do que deveres aos estudantes, trazendo certas contradições, como por exemplo: algumas atitudes que o professor é obrigado a tomar diante de certas situações, podem ser contestadas com base nesses direitos.

Dentre outras complicações e contradições está a exigência de que o professor tem de “formar alunos cidadãos criativos, críticos e autônomos”, mas, ao mesmo tempo, este mesmo professor deve promover uma integração social em que cada aluno se insira às regras nem sempre aceitas por eles ou por professores, que são vistos pelos discentes como representantes legais dessas normas ou ações que lhes são impostas.

Diante de tantas cobranças e contradições, apresenta-se neste trabalho, uma amostragem (respostas de professores colaboradores) de opiniões a respeito do assunto.

Para melhor organização, dividimos o trabalho em três partes. Na primeira, fazemos uma revisão teórica acerca do tema, enfocando autores, tais como: Esteve (1991), Enguita (1991) e outros.

A metodologia, coleta e análise dos dados são descritas na segunda parte do trabalho, na qual, apresentamos tabelas com valores percentuais das respostas dos professores-colaboradores. Analisamos os dados, com base na visão dos teóricos apresentados e em nossa experiência profissional. Na terceira e última parte, apresentamos uma conclusão sobre o assunto, baseada na

ótica dos professores-colaboradores e dos teóricos e, ainda apresentamos nossa contribuição para professores e estudiosos do tema.

I - Mal Estar Docente: breves considerações

Neste capítulo, abordamos o assunto “mal estar docente”, problema que domina o meio educacional atualmente, sob a ótica de estudiosos desse tema. Este constitui-se em um problema internacional, cujos sintomas começaram a se manifestar no início da década de oitenta, nos países mais desenvolvidos e, hoje, não se vislumbra uma solução, a curto prazo, para sua minimização, pois as causas apontadas nas pesquisas ainda persistem e a elas são acrescentadas outras, devido à mudança cada vez mais veloz do contexto social em que vivem os professores.

Esteve (1999) compara a situação dos professores, nesse contexto de mudança veloz, à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem aviso prévio, é mudado o cenário, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior, onde uma encenação moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa.

Tendo em vista essa mudança de cenário, os professores vêem-se agredidos em todos os sentidos e não têm instrumentos adequados para reverter a situação. Sentem-se afligidos, incapazes, em constante tensão, ocasionando um alto nível de estresse, diminuindo sobremaneira a eficiência da atividade docente.

Portanto, a expressão “mal estar docente” (*malaise, enseignant, teacher burnout*) é empregada para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor, resultantes das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido às mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos.

Vale ressaltar que algumas pesquisas realizadas sobre o mal estar docente apontam duas abordagens, a saber: a primeira trata-se de uma abordagem interdisciplinar que, sob uma perspectiva

psicológica, discorrem sobre o estresse dos professores e sobre o aumento desproporcional de ansiedade entre eles. A segunda é uma abordagem sociológica que enfoca as expectativas sociais que as instituições, os pais, os alunos e o governo projetam sobre os professores, destacando também as diversas variações que acontecem no ambiente de trabalho desses profissionais.

Sob estas duas perspectivas, muito se têm escrito na atual literatura, de acordo com os autores que são citados neste texto, onde os professores que são vítimas, sob o ponto de vista psicológico do mal, entram em um estado de angústia profundo, criando um quadro que afeta a saúde física e mental. Para solucionar o problema, ou entram em licença por períodos regulares, prejudicando assim a ação educativa, ou acabam abandonando a carreira profissional.

Já sob o ponto de vista sociológico, as variações no ambiente profissional, mais comuns, apontadas nas pesquisas, dizem respeito aos problemas ocasionados pela violência que é um produto da miséria e da injustiça social, sendo levada das ruas e das casas para o ambiente escolar. Sem os limites impostos pelos pais que se vêem obrigados a uma convivência com o desemprego, fome e discriminação, sem oportunidades na vida e, portanto, impedidos de impor esse limite, os alunos tendem a assumir comportamentos agressivos e desumanos, colocando em risco a comunidade escolar.

Essa violência, mesmo que não diretamente infringida ao professor, acaba por afetá-lo psicologicamente. Acredita-se que esse é um fato que contribui diretamente para que muitos alunos de licenciatura não pretendam exercer a profissão. Situação esta, destacada pelo resultado da pesquisa inédita da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE- 2003) de que, daqui a dez anos, as escolas do ensino médio e fundamental sofrerão com a escassez de educadores, evidenciando uma suspeita levantada pelos especialistas em educação.

Segundo estudiosos do tema, essa escassez de educadores já

vem ocorrendo em outros países.

A Suécia começa a falar do problema em 1983, observando uma crise geral do sistema educativo cujo indicador mais relevante era a deserção progressiva dos quadros docentes. Na França, em 1984, dois livros eram publicados sob os títulos significativos de *Tant qu'ily aura des profs.* (Enquanto houver professores) e *Les enseignants persécutés* (Os docentes perseguidos). Quando esses livros apareceram, a maior parte da crítica, sobretudo no âmbito acadêmico, acolheu-os com ceticismo. Quatro anos mais tarde, *Le monde de l'éducation*, em seu número de janeiro de 1988 reconhecia que a França estava ficando sem professores e que a profissão de educador já não era capaz de atrair um número suficiente de jovens para substituir os que chegavam à idade da aposentadoria. No início do período letivo de 1989-1990, o *Inner London Educational Authority* precisava recorrer à contratação excepcional de professores de *Commonwealth* para cobrir vagas do Colégio de Londres, enquanto isso, o professor Alan Sither da Universidade de Manchester chamava a atenção sobre o fato de que só 12 mil professores de Matemática estavam se preparando, enquanto se calculava que em 1955, o Reino Unido precisava de cobrir cerca de 22 mil cadeiras dessa disciplina no segundo grau. O mesmo fenômeno foi detectado na França com respeito à matemática, Física, Química e Línguas Estrangeiras. Em 1990, o Comitê Conjunto Federação – *landers* da Fundação para o planejamento e Investigação em Educação detectava o mesmo problema na Alemanha. O mencionado Comitê estimava que, para o período letivo de 1991-1995, a Alemanha precisaria recrutar 36 mil novos professores de ensino primário, enquanto só 19.800 estudantes se preparavam para isso. (ESTEVE,1999:11)

Em relação às causas do mal estar docente, necessário se faz citar aquelas que estão ligadas diretamente ao trabalho dos professores na sala de aula, as quais os afetam mais rapidamente, por não lhes darem chances de se prevenir adequadamente contra os problemas que lhes são impostos, uma vez que estes acontecem

no relacionamento diário e permanente com o aluno que é o seu objeto de trabalho.

Segundo Enguita (1999), hoje, os professores vivenciam uma crise de identidade, uma situação de mal estar e, muitos conflitos em torno de seu estatuto social e ocupacional. Nesta visão, a polêmica salarial tornou-se uma das discussões mais acirradas, e o que temos, portanto, é um profissional da educação descontente, mal pago, com precárias condições de trabalho, caracterizando uma categoria de trabalhadores que produz mais do que recebe.

O referido autor explica que os docentes como a grande maioria de trabalhadores assalariados, produzem um “sobretalho” e, tratando-se do setor privado, uma mais-valia da qual se apropriam seus empregadores.

Segundo Esteve (1999: 105), paralelamente à desvalorização salarial, produziu-se a desvalorização social do professor. O autor explica que:

Há vinte anos, o professor do ensino primário era uma figura social relevante, sobretudo no meio rural. Os professores do ensino secundário eram, amiúde, figuras literárias e científicas pelas quais se pautava a vida cultural de muitas cidades. Em qualquer dos casos, eram unanimemente respeitados e socialmente considerados.

Além disso, muitos aspectos levaram à desvalorização do professor e, sem dúvida, continuam causando o mal estar, a saber:

1. A mudança dos conteúdos curriculares
2. A escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho
3. Mudanças nas relações professor-aluno
4. Fragmentação do trabalho do professor
5. Ruptura do consenso social sobre a educação
6. Aumento das exigências em relação ao professor
7. Inibição educativa de outros agentes de socialização e outras.

Estes aspectos, ainda segundo o mesmo autor, demonstram as principais mudanças registradas no sistema de ensino nos úl-

timos vinte anos. Esses indicadores podem servir-nos para análise e para compreendermos as críticas da sociedade aos profissionais da educação e também as atitudes dos professores que enfrentam uma verdadeira crise de identidade com sentimentos contraditórios em relação à profissão.

Com efeito, surgem as repercussões do mal estar docente na personalidade dos professores. Assim, é importante destacar a sugestão de Esteve (1999) para futuros professores, isto é, a adequação dos conteúdos da formação inicial à realidade prática do ensino.

É curioso observar também que a imagem do professor diante de lutas (greves) por melhores salários está desgastada, principalmente em se tratando da relação professor x governo, professor x mídia, professor x pais de alunos. Os professores se sentem afetados em sua saúde física e mental, por causa de tantas contradições, *stress* e tensão no exercício de sua função.

O Jornal Correio do Povo (2003) traçou o perfil dos professores brasileiros em pesquisa realizada neste ano: a maioria dos educadores brasileiros tem entre 40 e 59 anos, é mulher e atua na rede estadual de ensino. Apenas 2% dos profissionais do ensino estão na faixa etária entre 18 e 24 anos. Esses dados revelam a progressiva diminuição do ingresso de novos docentes nas escolas e o risco de escassez de professores em médio prazo.

Outra pesquisa, realizada pela Confederação Nacional de trabalhadores em Educação, revela que o acúmulo da jornada de trabalho dos professores acarreta, muitas vezes, problemas de saúde, principalmente aqueles distúrbios relacionados ao *stress*.

II – Metodologia: coleta e análise dos dados

Para o desenvolvimento deste estudo, embasamo-nos na revisão bibliográfica apresentada. Realizamos uma pesquisa com 36 professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio, sendo: cinco professores da rede municipal, 17 professores da rede federal e 14 professores da rede estadual, sendo que desses 36 docentes, 26 são mulheres e 10 homens.

A pesquisa foi assim organizada: foram entregues três questões a cada um, sendo que nas duas primeiras, cada professor deveria assinalar um item e, se a resposta do professor não estivesse contemplada nos itens oferecidos, ele deveria acrescentar a sua por escrito.

É importante destacar que muitos dos professores colaboradores não se limitaram assinalar somente um item. Isso vem comprovar que os itens estão muito ligados entre si e que são vários os aspectos que contribuem para o mal estar docente.

Na terceira questão, cada professor deveria deixar sua opinião sobre o que poderia ser feito para acabar (ou minimizar) o mal estar docente.

As respostas foram computadas e organizadas em tabelas, pelo número de ocorrências, sob a forma de porcentagens e transcrições, que propiciam uma melhor visualização dos dados coletados.

Computados esses dados, baseamo-nos na fundamentação teórica e em nossa experiência como docente, para fazermos uma análise das respostas dos professores colaboradores.

As Tabelas abaixo possibilitam a visualização dos resultados obtidos com a aplicação das questões.

Tabela 1. Fatores que contribuem para o mal estar docente.

Fatores	Número de professores	Porcentagem
1. Aumento das exigências em relação ao professor	12	14,8%
2. Fontes alternativas de informação	2	2,5%
3. Falta de consenso entre escola e sociedade	19	23,5%
4. Necessidade de desempenhar papéis contraditórios	4	4,9%
5. Constantes reformas do ensino	8	9,9%
6. Falta de materiais e condições de trabalho	12	14,8%
7. Mudanças nas relações professor- aluno	10	12,3%
8. Fragmentação do trabalho docente	8	9,9%
9. Mudança no enfoque dos conteúdos curriculares	0	0,0%
10. Outros fatores	6	7,4%

Ao analisarmos a Tabela acima, notamos que o item “a falta de consenso entre escola e a sociedade” obteve um índice significativo, com 23,5 % de ocorrência nas respostas. É importante registrar que nenhum entrevistado assinalou o item “mudança dos enfoques dos conteúdos curriculares”, o que, podemos depreender, não constitui segundo os entrevistados, um problema que causa o mal estar docente. Vale ressaltar que a literatura traz essa mudança como um dos fatores que causam o mal estar docente. Em relação aos itens: “aumento das exigências em relação ao professor” e “falta de materiais e condições de trabalho”, que aparecem em 2º lugar com 14,8% de ocorrência, a literatura considera-os aspectos como causadores do *stress* e tensão no exercício da profissão docente.

Consideramos relevante apresentarmos outros fatores que embora tenham sido descritos nos itens, e que foram citados pelos entrevistados. Uma vez, cada um deles. São eles: Falta de valorização profissional; baixos salários; falta de interesse dos alunos; obrigação de aprovar os alunos; desinteresse e indisciplina dos alunos; falta de ética profissional; acesso limitado aos bens culturais.

A tabela 2 abaixo apresenta os principais problemas enfrentados pelo professor no início da carreira docente.

Tabela 2. Principais problemas enfrentados no início da carreira docente.

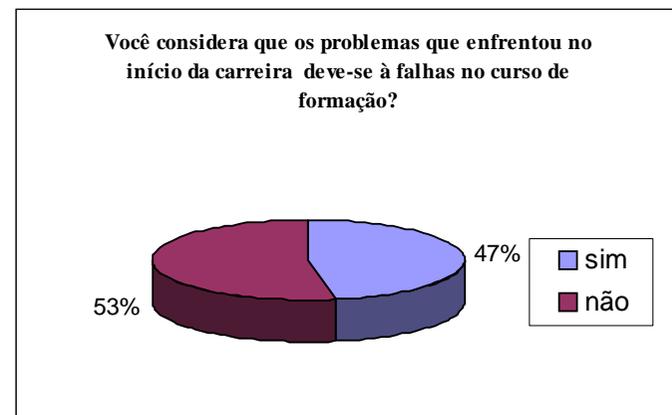
Problemas	Número de professores	Porcentagem
1. Adaptação do conteúdo à realidade da classe	13	36,1%
2. Indisciplina dos alunos	9	25,0%
3. Adaptação à instituição escolar	5	13,9%
4. Outros problemas	9	25,0%

A tabela 2 mostra que a “adaptação do conteúdo à realidade da classe” e a “indisciplina dos alunos” são os responsáveis diretos, segundo os docentes colaboradores, pelos problemas enfrentados pelos professores iniciantes, pois os dois juntos representam mais da metade dos itens respondidos: 61,1%.

Dentre os “outros problemas”, com 25%, que não constam na lista dos itens, foram citados: Insegurança na tomada de decisões, devido à falta de experiência; limitações no diálogo entre os professores; manejo de sala (como lidar com as diversas faixas etárias); Constantes modificações no ensino; excesso de Alunos/excesso de aulas; dificuldades de aplicar novas metodologias; desinteresse dos alunos.

Em relação a esses problemas enfrentados pelos docentes, no início da carreira, questionamos se o curso de formação foi responsável por eles.

O resultado percentual dessa pergunta está representado no gráfico a seguir:



Os Cursos de Formação de Professores têm tentado conscientizar os futuros docentes dos problemas que enfrentarão na prática de sala de aula. Algumas sugestões de mudança são apresentadas por estudiosos no que se refere à mudanças de carga horária dos estágios e a mudança no enfoque dos conteúdos curriculares em relação à realidade atual.

Mesmo diante dessa conscientização e das sugestões apresentadas, os professores iniciantes sentem bastante dificuldade em sua prática. Afinal, os estágios supervisionados, que correspondem à obrigatoriedade curricular de todos os cursos de licenciatura, e que têm por finalidade fornecer condições a esses professores iniciantes para exercer bem a sua profissão, nem sempre suprem as carências e somente o tempo e a prática cotidiana se encarregam de mostrar ao docente alguns caminhos a serem percorridos.

Na seqüência, a Tabela 3 apresenta o resultado das entrevistas em relação às estratégias para se evitar o mal estar docente:

Tabela 3. Estratégias para se evitar o mal estar docente.

Estratégias	Números de professores	Porcentagem
1. Maior compromisso entre família e escola	4	8 %
2. Formação continuada	10	20 %
3. Fortalecimento da auto-estima	1	2 %
4. Valorização profissional	15	30 %
5. Melhores condições de trabalho	10	20 %
6. Tempo de prática maior nos cursos de formação	1	2 %
7. Aulas práticas voltadas para o conteúdo específico nos cursos de formação	1	2 %
8. Participação em atividades culturais	1	2 %
9. Integração entre os professores da instituição	2	4 %
10. Adequação da realidade nos cursos de formação	2	4 %
11. Mudança da cultura social	2	4 %
12. Clareza sobre os objetivos que a instituição deseja da educação	1	2 %

A Tabela 3 mostra que os professores indicaram a “valorização profissional dos professores” como a estratégia que resolveria, pelo menos em parte, o mal estar docente. Esse item aparece com 30% de ocorrência. Na entrevista, aparecem, em segundo lugar, com 20% de ocorrência os itens, as “melhores condições de trabalho” e a “formação continuada”, que são estratégias importantes para minimizarem outra parte dos problemas que causam o mal estar docente.

Percebe-se que os professores envolvidos na pesquisa exigem mudanças sociais, culturais, psicológicas, compromisso entre família e pais. Tais estratégias demonstram que a insatisfação acontece em todos os setores da vida do profissional pesquisado.

Considerações Finais

Esta pesquisa fez uma análise sobre o “mal estar docente”, expressão que descreve os efeitos de caráter negativo que afetam os professores no exercício de sua função. Esse estudo constituiu-se de um estudo quantitativo e qualitativo sobre o tema, realizado com uma amostragem de 36 professores do ensino fundamental e médio da cidade de Uberlândia.

Analisando os dados obtidos na entrevista, ressaltamos que todos os professores assinalaram fatores que contribuem para o mal estar docente, e se interessaram pelo assunto, o que comprova a relevância do tema. É interessante observar que a maioria dos professores ainda não havia se conscientizado da interferência desse mal na sua prática cotidiana, visto sob um olhar teórico-crítico.

De acordo com os dados da entrevista, consideramos importante ressaltar os aspectos mais marcantes da pesquisa: Os professores citaram:

1. falta de consenso entre escola e sociedade – a escola não tem mais o respaldo da sociedade, que não consegue mais apoiar o professor em suas decisões. Não há confiança no trabalho escolar.

2. aumento das exigências em relação ao professor: a escola, por meio do professor, trabalha, com uma diversidade de condi-

ções, tornando-se responsável pela formação global do aprendiz. Uma parte dessa formação antes era realizada pela família.

3. adaptação do conteúdo à realidade da classe: os professores trabalham com turmas heterogêneas e, hoje, ainda há um fator agravante que é a inclusão de alunos com dificuldade de aprendizagem e necessidades especiais. Estes alunos carregam a defasagem de conteúdo para a série seguinte. Isso porque nós, professores, não temos formação acadêmica específica para lidar com essas diferenças.

4. a falta de interesse dos alunos gera a indisciplina que aparece como uma das vilãs causadoras do mal estar docente. Infelizmente, não há uma receita para o controle da disciplina em sala de aula, uma vez que professores concorrem com a tecnologia, forte concorrente do professor. É muito mais prazeroso para o aluno ficar em frente ao computador e TV do que ouvindo o professor em sala de aula.

5. a polêmica salarial e a desvalorização profissional contribuem para a insatisfação dos professores.

Esse estudo, apesar de representar, apenas, uma amostragem, revela alguns dados comprometedores. Os professores têm clareza dos fatores que causam o mal estar docente, mas a realização das possíveis estratégias apresentadas para evitar esse problema não depende de ações a serem efetivadas somente por eles, depende também de ações diretas do governo, família, instituições escolares, de formação de professores e, da sociedade em geral. Certamente a resolução dos problemas só será possível, mediante ações integradas entre os três segmentos envolvidos: pais, professores e governo. Enfim, necessário se faz repensar o papel do professor como um profissional do ensino, responsável que é, hoje, por uma educação integral do ser humano.

Será que, como ser humano que é, passível de falhas e mal estares, o professor deve ser visto como **super homem** ou como **mulher-maravilha**, super heróis que resolvem todos os problemas?Será?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTEVE, J. M. O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

ENGUITA, M. F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria e educação*. Porto Alegre, n. 4, 1991. p. 41-61

HARGREAVES, A. *Teaching as a paradoxical profession*.

Palestra proferida 46th world Assembly – Internacional Council on Education for Teaching (ICET). Santiago, Chile, 23-27 Julho de 2001.

Pesquisa traça o perfil do professor: maioria dos educadores brasileiros tem entre 40 e 59 anos, é mulher e atua na rede estadual de ensino. *Correio do Povo*. Porto Alegre, abril, 2003.